

Elvis Amsterdã, *Vida e Obra de Mário Ferreira dos Santos: Uma Introdução*. (Editora Danúbio, 2023). ISBN: 978-65-88248-31-7. 100 pp.

O livro *Vida e Obra de Mário Ferreira dos Santos: Uma Introdução* inicia-se com uma metáfora: “uma vacina contra a loucura”, um título ilustrativo após a pandemia da Covid-19. Esse é um trabalho de Elvis Amsterdã, professor de Lógica, Leitura e Filosofia, graduado em Filosofia pela UFMA e mestre pela UFSC. Em 2019, apresentou a dissertação intitulada “A dialética-ontológica de Mário Ferreira dos Santos”, na qual aborda a formação e a biografia de Mário Ferreira dos Santos, destacando sua educação jesuíta e sua atuação como advogado. Além disso, discute aspectos de sua filosofia, especialmente sua abordagem noológica, centrada na questão “o que é o homem?”, explorando as diferenças entre humanos, animais e máquinas, por vezes adiantando temas que serão desenvolvidos em seu livro. A obra também é resultado de um curso sobre MFS e uma introdução à sua obra para a Faculdade Dehoniana.

No primeiro contato com o texto, o autor descreve a sua experiência de “vacinação” contra a loucura ou contra a estupidez por meio do contato com os livros e o pensamento do biografado Mário Ferreira dos Santos (doravante MFS), filho de um português nascido no Porto, dono de uma companhia itinerante: Guarany-Brazil.

MFS, Gilberto Freyre, Manuel Bandeira e aulas de forró são algumas das “vitaminas” imunizantes contra os males linguísticos a que todos são sujeitos, defende o escritor. Elvis Amsterdã conta como MFS analisa dialeticamente várias sentenças como um escolástico o faria aos seus alunos da Coimbra do século XVII ou da Paris do século XIII, porventura realizando-o aos brasileiros do século XX. Contextualiza o tema a partir de sua interação com um senhor denominado K., um intelectual que desacredita de que MFS possa ser um autor profundo e fecundo, com domínio real dos assuntos, tendo ele tratado de tantos temas como Psicologia, Filosofia, Matemática, Sociologia, Estética, Lógica, Escolástica Portuguesa e Espanhola, Pitagorismo, Direito, entre outros. No entanto, percebemos que MFS não é apenas um autor profundo, mas também um pensador original. Ele cita como origem biográfica dessa busca pela certeza uma carta endereçada ao gaúcho Augusto Mayer, datada de 1953, abordando o desenvolvimento de seu método principal – a dialética concreta. Sua finalidade seria integrar conhecimentos, resolver a crise entre os saberes, como se verifica nas declarações de falsas guerras entre Filosofia, Religião e Ciência; falsas porque debaixo do pano desses conflitos haveria uma verdade comum, isto é, princípios compartilhados. Assim, a Filosofia Concreta pretende ser uma linguagem interdisciplinar, reunindo princípios válidos em várias disciplinas e ciências, um tipo de metafísica com o seu método próprio.

O livro também apresenta uma introdução às ideias iniciais de MFS, bem como à sua “Filosofia Concreta”, uma proposta sistemática, intertemporal e de interesse amplo, distinta do que estava sendo produzido na França sob o nome de *Philosophie Concrète*, pelas mãos de Gabriel Marcel, Philippe Fauré-Fremiet e Bernard Loitron. Uma proposta dramática, assistemática, partindo da filosofia de Henri Bergson e a debruçar-se sobre temas da filosofia da mente, da memória e da psicologia. Por outro lado, a Filosofia Concreta, proposta por MFS, busca reunir verdades alcança-

das por diversas correntes filosóficas ao longo da história e de diferentes culturas, integrando-as em um arranjo harmonioso e sistematicamente pitagórico. Sua filosofia é positiva¹, pitagórica e concreta. O concreto é o integrado, conforme apresentado em *Invasão Vertical dos Bárbaros*, ou seja, é o integrante no sentido de sua totalidade e não apenas em oposição ao abstratismo. Positivo é aquilo que afirma e resiste ao tempo, mas aquilo que não se fecha epistemologicamente, não se reduz a um ciclo cultural apenas. Os ciclos culturais são tendências intelectuais, políticas e temporais presentes em um determinado recorte cultural. Os ciclos culturais correspondem à estrutura da dinâmica de um *Zeitgeist*, o qual articula vários objetos e temas; ou às três orientações do tempo de um Giambattista Vico: tempos religiosos (idade dos deuses, os governos divinos); tempos dos obstinados (idade dos heróis); tempos civis (idade dos homens). Essa concepção de história cíclica parece ter sido inspirada em alguns elementos do eterno retorno de Nietzsche, autor apreciado por MFS e subtema de alguns de seus escritos como *O Homem Que Nasceu Póstumo*, e *Assim Deus Falou aos Homens*, cujos títulos recordam: a frase de Nietzsche “Eu nasci póstumo” em *Ecce Homo*, e *Assim Falava Zarathustra*. Talvez Vico o tenha influenciado também, mas atualmente é difícil dizer.

Pode-se dizer que positivo é aquilo que é ético e esteticamente válido dentro de um ciclo cultural, mas também aquilo que não é “negativo”. Positivo é afirmar alguma coisa e seguir adiante. “Alguma coisa há” é o ponto arquimédico da Filosofia Concreta de MFS. A partir daí, concebe que a tese positiva afirma pela força e em contradição ao não-afirmar. Assim, ela se distingue dos pensamentos negativistas, niilistas, relativistas próprios a um enfraquecimento da perspectiva epistemológica de um ciclo cultural, ou seja, MFS se opõe às filosofias do negativo em geral, bem como às tendências de descrença epistemológica (tipos de ceticismo e agnosticismo) e reducionismos (psicologismo, determinismo, finitismo matemático, reducionismo linguístico, fisicalismo, hedonismo etc.), considerados como ciclos culturais inferiores ou menores. Portanto, a filosofia positiva e concreta se opõe às filosofias que negam algo concreto, como a possibilidade do conhecimento, a possibilidade de alcançar algum tipo de verdade, a possibilidade da existência da dimensão transcendental, negar a possibilidade de o homem ser livre em algum grau, a existência de causas inatas, negar a existência de causas culturais e sociais etc. Isso também implica em não aceitar as filosofias de descrença em relação ao conhecimento de alguma verdade, a descrença em relação à existência da bondade e do bem, a descrença em relação ao valor dos métodos dialéticos, a descrença na capacidade racional humana etc. O mesmo se aplica ao reducionismo: reduzir tudo ao biológico, ou reduzir tudo ao psicológico, ou reduzir tudo ao que é material são perspectivas incompletas, polarizadas e não abrangentes, vistas como ingênuas, inconcretas ou fetichistas. MFS aponta que muitas escolas apresentam reflexões acertadas e importantes ao afirmar coisas, mas erram ao negar outras, crendo erroneamente que sua afirmação implica, necessariamente, na adesão de negar aquilo que está ausente em suas sentenças, teses e hipóteses.

¹ Paulo H. F. da Silva Ferreira Braga, “A invasão vertical do barbarismo de Mário Ferreira dos Santos”, *Revista Ítaca*, n.º. 40, 2024, pp. 241-275.

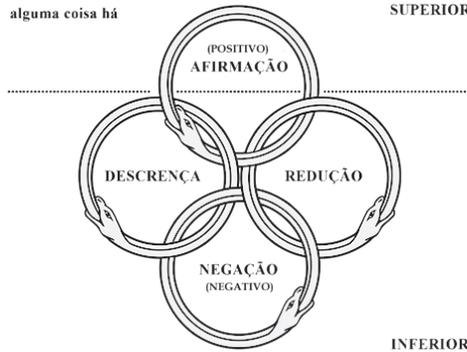


Figura 1. As Quatro engrenagens dos ciclos culturais e intelectuais. FONTE: Paulo Henrique Braga.

Afirmação é uma conclusão que firma algo de verdadeiro sobre o ser. A afirmação se estabelece na convergência entre o enunciado (especialmente proposições) e o ser em sua dimensão fática, revelando aspectos de seu fenômeno. A perseguição pelas posições pitagóricas e pela ordem cósmica corrobora a prescrição de uma sabedoria superior, sólida, já estabelecida por espíritos estelares na história humana. O afirmar é o afirmativo, o afirmativo é o positivo. Positivo é aquilo que afirma e resiste ao tempo, mas aquilo que não se fecha epistemologicamente, não se reduz a um ciclo cultural apenas.

Descrença é a posição que afirma a inacessibilidade de um determinado conhecimento ou fenômeno primordial do cosmos. Justifica-se na limitação do conhecimento humano diante da complexidade do mundo, focando-se nas incertezas, insuficiências e fragilidades da percepção do homem. Implica em uma suspensão do julgamento. É uma etapa no caminho em direção à verdadeira sabedoria. A descrença é uma instabilidade entre afirmação e negação. Parar de negar implica na resolução da descrença e resulta na afirmação, e o contrário também, parar de afirmar implica em negar, no contexto desse impasse. A incapacidade de suprimir um ou outro resulta na descrença. A descrença inicial nas opiniões superficiais e ilusórias é um passo necessário para alcançar o conhecimento genuíno, mas o congelamento nessa etapa resulta no que se pode chamar de filosofias ou perspectivas descencionistas (por exemplo, ceticismo, pirronismo, relativismo, agnosticismo etc.).

A *negação prática* pode ser entendida como uma postura estética que envolve a recusa em agir de acordo com determinados princípios ou valores considerados inadequados, dispensáveis, inconvenientes ou moralmente questionáveis. A negação prática reflete a liberdade humana de escolha e a responsabilidade moral pelas ações realizadas. A negação prática também pode ser compreendida como a recusa em aceitar certas práticas ou comportamentos intelectuais que vão contra os princípios que se estabeleceram, mas nem sempre constituindo-se em uma negação epistemológica.

A *negação epistemológica* pode ser interpretada como a negação de um elemento determinante ou fenômeno formal ou essencial de um objeto, o qual é negado diante das articulações, geralmente em contraposição a outro elemento que se firma

por meio de uma redução. Muitas vezes, a negação epistemológica envolve a rejeição de afirmações que não são passíveis de verificação empírica ou lógica, ou cujo autor não é capaz de verificar ou aceitar. Tem-se como exemplo a negação de verdades absolutas no relativismo, o qual se caracteriza por uma negação epistemológica, mas não por uma negação prática, pois o próprio relativismo é, na prática, afirmado como uma verdade absoluta.

A *redução* implica em uma universalização de um elemento, forma ou essência, tomando-os como únicos determinantes de fenômenos complexos ou sistemas em termos de suas partes constituintes mais simples ou fundamentais. A redução sustenta que qualquer fenômeno pode ser compreendido através da análise de seus componentes individuais ou mesmo de apenas um deles. É a posição de reduzir a complexidade da existência a princípios simples ou universais, ignorando a riqueza e a diversidade do cosmos. Pode ser dividida em dois tipos: redução consciente e redução dogmática. A primeira é a redução como método, que espera no futuro integrar as partes negadas na redução; a segunda é a redução como negação absoluta. A redução dogmática nega um determinado elemento afirmando outro elemento antagônico de forma inflexível (por exemplo, o materialismo nega a existência de qualquer elemento metafísico).

MFS deixou um legado impressionante em sua vida. Escreveu muitas dezenas de livros e traduziu obras do grego, latim, francês e alemão. Além disso, fundou duas editoras para publicar não apenas sua própria obra, mas também livros que considerava relevantes para a formação do povo, por exemplo: *Invasão Vertical dos Bárbaros*, e *Filosofia da Crise*, dois livros que tratam de temas culturais e sociais, em especial a invasão da cultura dos bárbaros corrompendo os valores civilizatórios e bem cultivados, frutos do esforço dos bons intelectuais. Essa invasão implica em degeneração e enfraquecimento dos valores de um povo, dentre outros aspectos mais abrangentes. Cita a título de comparação de tendências reducionistas: a predominância do aspecto *intensista* (qualitativo) no período medieval, em contraposição ao *extensista* (aspecto de extensão, quantitativo) predominante no período moderno, no qual se vê uma crise, uma antinomia e polos em que a sociedade tratou como forças que se repelem, e que na verdade devem ser integradas. Por exemplo, no período medieval, o qualitativo era predominante, tendo a estética, ética e a moral como centros culturais, sociais e intelectuais. Havia aí uma carência de dedicação aos aspectos quantitativos que são próprios, por exemplo, das ciências e das metodologias rigorosas. Por outro lado, o foco nos aspectos quantitativos, deixando de lado os qualitativos, levou aos totalitarismos do século XX, como fazer experiências médicas desumanas com um indivíduo semita, quantificando o tempo de vida que tem quando lhe é amputado um membro ou quantificando o tempo de vida que se tem ao lhe cortar uma artéria e deixar fluir o sangue. Práticas que foram controladas, falseáveis, replicáveis, generalizáveis, cognoscíveis, com resultados preditivos, com objetividade, verificabilidade e rigor metodológico, mas sem considerações *intensistas* (qualitativas), como axiológicas, éticas e morais;

Práticas de Oratória, e *Curso de Oratória e Retórica*, dois livros que atendem à nova demanda pela boa comunicação, decorrente da invenção da TV e das novas formas de fazer política. A primeira transmissão mundial ocorreu em novembro de

1936 pela BBC em Londres, aquecendo a reflexão sobre como se portar e falar diante das câmeras;

Curso de Integração Pessoal aborda temas como a formação ética do indivíduo, a mente, apresentação de arquétipos simbólico-medievais, exercícios de respiração e mentalização, regras sobre meditação, práticas para a integração do *eu* e outras estratégias para autoaperfeiçoamento;

Luta dos Contrários: Ensaios e Aforismos é um livro que trata de vários temas culturais. Por exemplo, o capitalismo é descrito como uma ideologia racionalista que busca objetivar e sistematizar o pensamento, valorizando o valor de troca sobre o valor de uso e priorizando o interesse do mercado. Com o advento do capitalismo, homens com menos educação ascendem a posições de poder, mas muitas vezes são incultos, tendo, no máximo, experiências culturais, mas não uma boa formação cultural. Mário continua e afirma que, com o advento do capitalismo, houve uma mudança na estrutura social que facilitou a ascensão de indivíduos de origens menos privilegiadas aos postos mais elevados da sociedade, o que pode ser bom em muitos aspectos. Isso ocorreu devido a uma série de fatores, como a mobilidade econômica proporcionada pelo mercado livre e a possibilidade de acumulação de riqueza por meio do empreendedorismo e do trabalho árduo. No entanto, uma vez que esses indivíduos alcançam posições de destaque, o filósofo nos diz que muitos deles se deparam com uma certa ociosidade improdutiva e uma mentalidade que tende a se voltar para prazeres superficiais e objetivos mundanos, aliada a uma apreciação rasa pelas manifestações culturais. Isso ocorre porque eles podem não ter sido expostos a uma educação e a experiências culturais que promovam a criatividade, a reflexão profunda e a apreciação das artes e humanidades. Assim, esses líderes emergentes, por vezes, desenvolvem uma desconfiança em relação à arte. Isso provoca um declínio da cultura criativa e intelectual em geral, pois não possuem mais os mecenas da Renascença e, sim, novos mecenas ignorantes voltados aos modismos supérfluos da época moderna. Sua falta de imersão na boa cultura o faz patrocinadores ignorantes de bobagens cuja profundidade intelectual é tão rasa quanto a sua própria ou até mais. MFS considera o capitalista um lógico; objetiva tanto quanto possível o seu raciocínio. Procura libertá-lo de todas as influências *pathéticas*, afetivas. Dirige-se apenas para o objeto;

Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais apresenta diversos verbetes de filosofia, psicologia, sociologia e ciências sociais importantes para o conhecimento;

Análise de Temas Sociais, obra que reflete sobre os principais tópicos da sociedade, como as concepções materialistas da história, humanismo, anarquismo, revolução cubana, catolicismo e lucro, liberalismo e democracia, fé e esperança, vontade de poder, conceito político de liberdade, entre outros. Além disso, demonstra teses como: “O fator econômico é predominante nos tipos e grupos que o colocam no alto de suas escalas de valores, e atua em cooperação com outros, além de sofrer a influência de fatores externos”.

Interessante notar que o sistema de venda de livros a crédito no Brasil, introduzido por MFS, possibilitou a comercialização de mais de um milhão de cópias, algo inédito no mercado editorial do país, especialmente considerando a natureza dos títulos envolvidos: tratados de lógica, metafísica, retórica, psicologia, entre

outros. Sua vasta obra chamava a atenção de todos, levando alguém a questionar: “É possível um brasileiro realizar tantas coisas?” Além disso, traduziu obras de Platão e Aristóteles do grego, Nietzsche do alemão, Pascal, Amiel e Balzac do francês, e trabalhou com Porfírio, Plotino, Hierocles, Duns Escoto, Goethe e Walt Whitman.

Sabe-se que MFS foi anarquista², tendo militado como anarquista cristão junto ao Centro de Cultura Social, um importante núcleo anarquista de São Paulo. Em outro momento de sua vida, foi nietzscheano, talvez mágico, liberal e assim por diante. No entanto, jamais se limitou a ser apenas um desses rótulos. Por isso, não se enquadra estritamente nesses termos.

Elvis Amesterdã se interroga: por que os grupos neotomistas podem rejeitar MFS? Porque ele não se enquadra simplesmente como neotomista, mas vai além, integrando elementos da crítica austríaca, marxista, neotomista, pitagórica, socrática, luso-escolástica, nietzschiana, aristotélica e outras. Por que ele não é considerado um representante dos anarquistas? Porque sua visão não se encaixava nos moldes do anarquismo convencional, indo além dessas categorias, por exemplo, não colocando a “liberdade” como princípio filosófico absoluto, mas como objetivo prescritivo a ser ponderado com prudência, bem como o seu reconhecimento como condição alcançada. Para MFS, o anarquismo não é uma doutrina, nem uma filosofia, mas uma atitude que parte da aceitação de que o homem é um animal que revela a máxima autonomia, superando qualquer outro. Concebe que o homem alcançou uma liberdade, mas seus temas de interesse são mais amplos do que apenas os dedicados ao anarquismo. Ele lembra que o anarquismo também é chamado de socialismo comunalista ou socialismo libertário, embora faça críticas ao socialismo stricto sensu, por exemplo, por seu reducionismo a apenas um aspecto da vida humana ou como forma alienada de se comunicar com as massas, produzindo burocracia e prometendo liberdade sem a materializar de fato. Assim, nota-se que não havia em MFS compromisso com os “-ismos”, de forma a proteger suas preferências ou posições, mas apontando o que entendia como bom neles, às vezes expondo suas posições de forma pedagógica, outras vezes criticando-as, tal como criticou todos os “-ismos” em *Invasão Vertical dos Bárbaros* e a tendência de prometer o mais pelo menos (fetichismo). Em outras palavras, o pensador não seguia rigidamente a cartilha da ideologia A ou B, sendo um verdadeiro filósofo no sentido antigo. MFS acreditava que não seria um verdadeiro filósofo se não pudesse abordar todas as áreas do conhecimento filosófico. Ele via o brasileiro em uma posição privilegiada na história da filosofia, pois tinha a capacidade de compreender o universal e vivenciar o próprio universo em sua carne. Seu sonho era ser o “pedagogo” do Brasil, preenchendo lacunas na formação do povo, dando aulas de filosofia para alguns alunos sobre temas como: Filosofia Pitagórica, Sócrates, as leis da Matemática, Psicologia e outros. Por isso, os livros de sua Enciclopédia de Ciências Filosóficas começavam com conhecimentos básicos e progrediam para conteúdos mais complexos, embora nem sempre tenha alcançado esse objetivo, pois algumas vezes retornou ao tom mais didático em textos mais tardios. Tendo editado os próprios livros, algumas vezes, apresentou capítulos mais didáticos

² Gustavo Ramus, “Anarquismo cristão e sua influência no Brasil”, *Revista Verve*, n.º 13, 2008, pp.169-183.

mesclados com outros capítulos mais filosóficos e aprofundados, aparentemente se esquecendo de traduzir as suas conclusões em linguagem simples para o leitor.

Em suma, o texto apresenta uma mistura de estilos e abordagens, refletindo sobre pontos basais da obra ferreira-santosiana. O autor faz uso de metáforas e imagens vívidas para transmitir ideias como a metáfora da “vacina contra a loucura” no início do texto. Há uma variedade temática abordada, que inclui desde a discussão sobre a concepção filosófica de Mário Ferreira dos Santos até reflexões sobre educação e filosofia no Brasil, bem como uma abordagem reflexiva sobre a obra e a vida de MFS, incluindo considerações sobre sua influência e legado. Ao final, apresenta um apêndice com a cronologia dos feitos do biografado, tais como suas conquistas acadêmicas e profissionais, viagens como a Lisboa, onde permaneceu um mês na Biblioteca Nacional de Lisboa e levantou material da escolástica de Portugal e Espanha, e outras publicações até o seu falecimento em 11 de abril de 1968. Também conta com alguns documentos, fotografias da editora, de aulas ministradas, de viagens à Europa e visitas a pontos turísticos com a família.

Paulo Henrique Fernandes da Silva Ferreira Braga

Universidade Municipal de São Caetano do Sul

pfernandesbraga@outlook.com

0000-0003-3616-5758

<https://lattes.cnpq.br/9205509580094684>

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_66_8